CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
9 de setembro de 2026

TROIS COULEURS: ROUGE / 1994

Três Cores: Vermelho

um filme de Krzystof Kieslowski

Realização: Krzystof Kieslowski / Argumento: Krzystof Kieslowski, Krzystof Piesiewicz / Fotografia: Piotr Sobocinski / Direcção Artística: Claude Lenoir / Som: Jean-Claude Laureux / Montagem: Jacques Witta / Música: Zbigniew Preisner / Intérpretes: Irène Jacob (Valentine), Jean-Louis Trintignant (o juiz), Frédérique Feder (Karin), Jean-Pierre Lorit (Auguste), Samuel LeBihan (o fotógrafo), Marion Stalens (o veterinário), Teco Celi (o barman), e a voz de Marc Autheman (Michel); com a participação excepcional de Juliette Binoche, Julie Delpy, Benoît Régent, Zbigniew Zamachowski.

Produção: Marin Karmitz / Cópia: 35mm, colorida, versão original legendada em português, 99 minutos / Estreia em Portugal: Amoreiras, King, (Lisboa), Casa das Artes (Porto) em 21 de Outubro de 1994.

Entre o primeiro e o segundo filmes desta trilogia há uma espécie de "porta comunicante". Curiosamente é exactamente uma porta que se abre de um filme para o outro, introduzindo, de uma forma sub-reptícia, uma personagem de um filme no outro. Julie Delpy do segundo no primeiro e Juliette Binoche na direcção oposta. Não encontramos em **Rouge**, brilhante encerramento da trilogia (o melhor dos filmes e um dos melhores de toda a filmografia de Kieslowski) gesto idêntico, mas em contrapartida encontramos muitas outras portas para outras dimensões temporais que nos dão a ilusão de viajarmos no tempo sem nunca sairmos do mesmo plano. Não se trata, como em Angelopoulos da passagem real de um tempo para o outro dentro do mesmo plano, mas antes de um cúmulo de impressões que nos são transmitidas e que só a pouco e pouco as vamos compreender como sinais dessas passagens. Digamos que Kieslowski ensaia neste filme um estilo de *flash-back* original, ou talvez seja melhor referi-lo como um falso *flash-back*, pois a acção da intriga secundária (o jovem estudante de direito preparando-se para o exame de juiz, e a namorada loura) decorre em simultâneo (e no mesmo plano temporal) que a intriga principal, a do velho juiz "voyeur" (auditivo) e Irène Jacob. Na história secundária vamos a pouco e pouco reconhecendo o personagem da principal, o velho juiz interpretado por Jean-Louis Trintignant. Talvez seja interessante dar a conhecer (ou lembrar) a forma como Kieslowski filmou esses tempos simultâneos. Kieslowski usou uma câmara especial, utilizada para filmes de grande espectáculo e para a publicidade, a *Technocrane*, que permite grande maleabilidade, uma grua manejada por seis pessoas que permite movimentos de três metros de altura e sete de profundidade. Pode-se testemunhar a sua aplicação prática na cena em que Auguste (o juiz em jovem) passeia o cão, e Valentine (Irène Jacob) entra no "Chez Joseph", quase ao começo, e depois na sequência da primeira visita de Valentine a casa do juiz, com os movimentos rápidos

pelos corredores em jeito de câmara subjectiva, que de repente objectiviza o rosto de quem vê (Valentine). A partir daí é fácil identificar outros dos muitos momentos em que Kieslowski utilizou a *Technocrane*.

Se não existem passagens entre este filme e os outros da mesma forma das que referimos em relação aos outros é porque **Rouge** contém a solução do aparente enigma. A razão daqueles cruzamentos. E ela é tanto de carácter diegético como exterior, isto é, tomando o ponto de vista do encenador. No primeiro caso a resposta é dada nas últimas imagens, com a reportagem do naufrágio do *ferry-boat*. Destaquemos que se trata de um acontecimento real que Kieslowski inclui na narrativa para a partir dele acompanhar vários destinos, que são exactamente a de sete sobreviventes, que revemos em imagens de televisão e que identificamos com todos os personagens principais da trilogia. Recorde-se que o expediente narrativo não é novo, utilizado já pelos italianos no começo da década de 50 a propósito de um acidente nas escadas de um prédio que lançou para o hospital dezenas de raparigas candidatas a um emprego: Giuseppe De Santis com **Roma Ore 11/O Pão Nosso de Cada Dia** e Augusto Genina com **Tre Storie Proibite/Três Histórias Proibidas**. A diferença está em que Kieslowski só desvenda a ligação nos planos finais do último filme da trilogia. No segundo caso **Rouge** culmina o processo de manipulação que referimos a propósito de **Blanc**. Mas em **Rouge** tal manipulação é vista de uma forma autocrítica, mesclada também de uma certa piedade por si mesmo e pelo seu trabalho. Kieslowski é o velho juiz. Como ele manipula (com os sons e a imagem) os outros. É ele que conta a história. E o aparente *flash-back*, que seria a encenação da sua vida anterior, surge exactamente como um filme. Todos, no fim de contas, são marionetas que o juiz manipula, e com os planos finais compreendemos o alcance dessa manipulação, que do desastre inicial de **Bleu** ao naufrágio do *ferry boat*, tudo nos surge como acções de um demiurgo jogando a seu bel-prazer com a vida dos humanos. A semelhança entre Kieslowski e o juiz, como demiurgo está ainda num pormenor aparentemente secundário: as referências que surgem ao longo da trilogia a um compositor do século XVIII, Van den Budenmayer. Trata-se de um personagem de ficção, inventado por Kieslowski e o seu compositor Preisner, que lhe dão mesmo data de nascimento e morte, 1752-1793 (será coincidência que tenham escolhido como ano da morte o do "Terror" da Revolução Francesa?), que chegou a confundir, inclusive, o British Music Institute (segundo contou Kieslowski numa entrevista). Em **Rouge** a referência a Budelmeyer vem já marcada pelo sinal da ironia: quando Irène Jacob vai comprar um dos seus discos o empregado da discoteca mostra-lhe a caixa vazia (vendera o último!). Mas este episódio contém também uma dimensão autocrítica. O juiz termina com o seu isolamento graças à aparição de Valentine. Ou a criação de Valentine é a forma dele se libertar dos seus fantasmas negativos? A personagem de Irène Jacob é a mais terna e dedicada de todos, a personagem salvífica por excelência. Curiosamente Kieslowski assumiu **Rouge** como o seu último filme, declarando que a partir daí poderia (talvez) dedicar-se à escrita. A sua morte, que sobreveio pouco depois, deixa uma marca singular nesta obra. Como se os personagens, por sua vez, quisessem impor-se ao seu criador.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico